

FLORESTAS TROPICAIS

Exportadores e importadores discutem novas regras para comércio de madeira

da The Economist
 Não há nada como o som de árvores tropicais caindo para transtornar os ambientalistas. Mas o que se pode fazer para diminuir a intensidade do som? A forma mais óbvia é pela influência dos países desenvolvidos sobre o comércio de madeira. Os signatários do Acordo Internacional de Madeira Tropical (AIMT) estão reunidos nesta semana em Yokohama, Japão, para mais um reexame de seu tratado e muitas pessoas estão ansiosas para lhes dar conselhos.
 A reunião será obscurecida por uma crescente disputa sobre propostas para limitar as importações de madeira tropical por países ricos. A Austrália, que introduziu um programa de rótulo obrigatório em setembro, foi criticada furiosamente por países do Sudeste Asiático em recente reunião do conselho administrativo do GATT. O governo holandês decidiu que, a partir de 1995, permitirá a importação de madeira tropical somente de florestas administradas continuamente.

Al Gore, o vice-presidente eleito dos Estados Unidos, elaborou um projeto de lei que requer o rótulo ecológico. Os produtores de madeira tropical (a Malásia e a Indonésia juntas são responsáveis por cerca de 80% das exportações) estão começando a admitir que precisam administrar melhor suas florestas.

O AIMT, ao qual pertencem exportadores e importadores, é um acordo de comércio, não de meio ambiente. Apesar de seus membros já terem concordado com que toda a madeira tropical deverá ser administrada continuamente já no ano 2000, há um longo caminho pela frente: apenas 1% conta com administração contínua hoje.

Um grupo de ambientalistas gostaria que o AIMT encarasse a questão do comércio ilegal de toras de madeira. Um relatório da Traffic, uma entidade britânica que monitora o comércio de animais silvestres, reúne uma massa de provas de venda abaixo do preço de mercado, classificação errônea ou contrabando antiquado no Sudeste Asiático.

Cresce venda de mogno brasileiro

por Neuza Serra de São Paulo

O Brasil vende para países da Europa e para os Estados Unidos cerca de 20 espécies de madeira nativa. Segundo a Associação Brasileira de Produtores de Madeira (ABPM), em 1991 o País faturou US\$ 442 milhões. Vasco Flandoli, presidente da ABPM, afirma que as madeiras extraídas na Amazônia Legal renderam US\$ 177,5 milhões com exportações.

Uma das principais madeiras exportadas é o mogno. Em 1991, saíram oficialmente do País 53.361 metros cúbicos dessa madeira. Até agosto deste ano foram exportados 61.214 metros cúbicos, o que representa um aumento de 15% em relação à produção do ano anterior, afirma Flandoli.

O Ibama determina que sejam exportados anualmente 130 mil metros cúbicos como forma de proteger a espécie.

A Traffic quer que os membros do AIMT colem mais informações sobre o comércio de madeira — por exemplo, as diferenças entre as exportações de um país e as importações de outro, um bom guia para o comércio ilegal. Também quer que os países exportadores dimensionem o valor real de suas árvores. Desse modo, poderão ser convencidos a reprimir com mais vigor o corte ilegal de árvores.

Uma abordagem diferente está sendo proposta pelo Centro de Economia Ambiental de Londres. Em relatório ao secretariado do AIMT, os economistas do centro sustentam que a chave para a conservação de florestas é criar incentivos à administração contínua. As proibições do comércio são ruins: diminuem o valor da madeira para os países em desenvolvimento, estimulando-os a desperdiçar suas árvores. Uma alternativa melhor seria um programa de homologação, dirigido pelo secretariado, para recompensar os países com boa política de administração de florestas.

FLORESTAS TROPICAIS			
	área de floresta*	1981-90 médio anual	
		desmatamento	% de área desmatada
Indonésia	108.600	1.315	1.21
Malásia	18.400	255	1.39
Filipinas	6.500	110	1.69

* em mil hectares
 Fonte: Administração Sustentável de Florestas Tropicais Unidos-1990

Plano de manejo sustentado

por Neuza Serra de São Paulo

Uma das principais exigências para a exploração de madeiras nativas no Brasil é o manejo sustentado das florestas. O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) tem protocolado 6.125 planos de manejo sustentado, o que corresponde a 3,2 milhões de hectares. Desse total, foram aprovados 2.792 planos e 1.688 foram indeferidos.

Segundo Randolfo Zachow, chefe do departamento de Recursos Florestais do Ibama, o manejo sustentado baseia-se na extração de quantidade suficiente do potencial produtivo que não cause danos às estruturas vertical e horizontal da floresta. Ele afirma que a melhor forma de controle de extração da

madeira nativa é a indústria madeireira comprar o produto proveniente de florestas com plano de manejo.

A Sociedade Brasileira de Silvicultura pretende criar um selo de qualidade que determinará a origem e a forma de extração da madeira. Jorge Humberto Boratto, presidente da sociedade, afirma que a entidade apresentará ao Ibama planos de manejo.

Afrânio José Ribeiro de Castro, engenheiro florestal da Fundação Pró-Natureza (Funatura), aprova a idéia do selo. No entanto, ele alerta que pode haver irregularidades e portanto o controle deverá ser duplicado. Ribeiro de Castro afirma que ainda não se tem uma estratégia no Brasil para os planos de manejo.